

economia



Visão de mercado

João Satt

Estrategista e CEO do G5
joaosatt@gcinco.cc

Patos e Cisnes

O sucesso raramente nasce da repetição. Nasce da inquietação. Fazer o que todos fazem pode garantir sobrevivência, mas dificilmente constrói lucro relevante. Em mercados aceleradamente comoditizados, repetir fórmulas significa disputar os mesmos clientes, pelas mesmas razões e, quase sempre, pelo mesmo argumento: preço.

Veja os atacarejos. A multiplicação de lojas impressiona, mas a população não cresce na mesma proporção. Quanto mais semelhantes as ofertas, menor a diferenciação e maior a pressão sobre as margens. Nenhum negócio consegue atender indefinidamente às expectativas dos acionistas com margens decrescentes. A matemática não fecha.

Quando conveniência, localização, variedade e preço estão disponíveis para todos, deixam de ser diferenciais. Surge uma pergunta que deveria inquietar qualquer CEO: como produzir escassez de valor em um mundo de abundância de oferta? É aí que entra a coragem para questionar o “sempre foi assim”. Inquietação para perguntar: e se existir uma maneira completamente diferente de construir desejo pelo meu negócio?

Existem empresas “cisne” que, cercadas por “patos”, começam a agir como patos. Possuem diferenciais relevantes, mas se comunicam como todos os outros, jogando sua singularidade pelo ralo.

Na outra ponta, empresas patos que seguem o bando, aprisionadas às próprias convicções. Habitam oceanos vermelhos, repetindo campanhas de produto e preço, acreditando que consumidores continuarão respondendo às mesmas iscas.

Verdade incômoda: não basta ser cisne. É preciso ser percebido como cisne. Diferenciação que ninguém reconhece não produz valor. O desafio das empresas cisnes está em transformar singularidade em percepção, despertando desejo e preferência. Aos patos, algo mais difícil: coragem para abandonar o bando e construir uma nova jornada.

Nos dois casos, a transformação começa quando a empresa aprende a olhar de fora para dentro. Não importa apenas aquilo que acreditamos que deva ser feito, mas o significado do que entregamos para as pessoas. O ouro está em capturar valor, ou seja, conseguir cobrar pelo que é entregue.

Coragem estratégica passa por experimentar, testar hipóteses, desenvolver projetos-piloto e admitir que algumas tentativas falharão. Se não funciona, corrigimos. Se funciona, escalamos.

Uma incorporadora pode deixar de vender metros quadrados para valorizar a cidade onde atua. Uma farmácia pode ir além dos medicamentos e promover movimentos de bem-estar. Marcas fortes têm significado e traduzem sentido para a vida das pessoas.

Pensar diferente vale para qualquer negócio. Não proponho extravagâncias. Defendo método com curiosidade, disciplina com experimentação e preparação com inconformismo.

Prevalecerão empresas suficientemente inquietas para perceber antes e corajosas para agir primeiro. Quem escolhe apenas seguir sendo pato dificilmente será percebido. Dado de realidade, apenas, cisnes terão preferência e sucesso. A escolha está na sua frente: você decide.

João Satt escreve neste espaço, às quartas-feiras a cada duas semanas

UE interrompe amanhã compras de carne brasileira

Entidades ligadas ao setor cobram resposta do governo na Expointer

/ PECUÁRIA

Cláudio Isaías

isaiasc@jcrs.com.br

A decisão da União Europeia sobre o veto à importação de carne bovina do Brasil passa a valer amanhã. Na Expointer, entidades ligadas ao setor da produção animal pediram que o governo brasileiro trate a questão como prioridade número um. Além disso, defenderam que o governo federal permita que técnicos europeus façam auditorias e tenham acesso a documentos sobre a qualidade da produção brasileira de carne.

O documento sobre o veto à carne brasileira foi assinado no dia 4 de junho e publicado no dia 5 de junho pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e formaliza a decisão que havia sido anunciada pelo bloco em maio.

O executivo da Associação Brasileira de Brangus, Roberto Grecellé, disse que o governo federal deve ter como prioridade número um abastecer a União Europeia com informações sobre a qualidade da carne bovina do Brasil. “O Ministério da Agricultura deve agilizar imediatamente auditorias internacionais para comprovar a segurança sanitária da produção animal do Brasil”, destaca. Grecellé esteve nesta terça-feira (1º) na Casa do Jornal do Comércio na Expointer, em Esteio. “O Brasil não tem nada a esconder e o nosso País não pode ficar de 60 a 90 dias sem



Documento do veto à carne nacional foi publicado no dia 5 de junho

exportar para um mercado tão importante como a Europa”, ressaltou. O executivo afirma que é fundamental a carne brasileira estar na Europa.

Conforme Grecellé, é preciso trazer os técnicos europeus para o Brasil e mostrar os documentos. “O Ministério da Agricultura precisa colocar todo o seu time para mostrar aos europeus que o tema é prioridade número um”, destaca.

O gerente nacional do programa Carne Angus, Maychel Borges, disse que a suspensão das importações de carne brasileira pela União Europeia possui uma natureza predominantemente burocrática, centrada na necessidade das autoridades brasileiras comprovarem rigorosamente o controle sobre o uso de antimicrobianos na produção animal. “A medida preocupa. Porém, tenho a confian-

ça na capacidade técnica e sanitária dos produtores nacionais para restabelecer a confiança da Europa”, comenta. Para Borges, a solução reside no diálogo diplomático e na organização de documentos, visando atender às exigências dos europeus. De acordo com Borges, o setor produtivo brasileiro tem longa experiência no fornecimento de carne para a Europa, e sempre cumpriu rigorosamente todas as exigências sanitárias estabelecidas ao longo dos últimos tempos.

Em nota, a Associação Brasileira de Angus acredita que o bloqueio não deverá trazer impactos em escala ao setor. A entidade entende que o Brasil está preparado para atender aos regramentos internacionais, e que o Ministério da Agricultura e a Abiec estão gerenciando o tema de forma a minimizar impactos ao setor produtivo.

Brasil reafirmou estar aberto ao diálogo com EUA

/ COMÉRCIO EXTERIOR

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) afirmou ontem em nota, que o País está aberto ao diálogo com os Estados Unidos após conversa entre os ministros Mauro Vieira (Itamaraty) e Márcio Elias Rosa (MDIC) e o representante de comércio dos EUA, Jamie-Greer.

Apesar de reiterarem a avaliação de que o tratamento dado ao Brasil pelo governo americano é injusto, as partes concordaram em ter novas reuniões de nível ministerial.

“Os Ministros reiteraram, ademais, que o governo brasileiro não concorda com as medidas unilaterais impostas contra o País, que não são compatíveis com as regras multilaterais de comércio. Uma vez mais, indicaram que as justificativas apresentadas pelo Governo dos Estados Unidos nas conclusões das investigações conduzidas ao amparo da Seção 301 da Lei de Comércio norte-americana não correspondem às efetivas práticas brasileiras, sendo injusto o tratamento discriminatório adotado contra o Brasil”, escreveu a Pasta em nota.

Segundo a comunicação da

pasta, as partes concordaram em voltar a reunir-se em nível ministerial para revisar o “progresso alcançado nas tratativas bilaterais e nas reuniões técnicas que serão realizadas nas próximas semanas”.

Por fim, o comunicado informa que as próximas reuniões podem ser virtuais ou presenciais.

“O governo brasileiro reitera que seguirá perseguindo um acordo equilibrado e mutuamente benéfico com os EUA, pautando-se sempre pelo respeito ao diálogo e à soberania nacional”, completa o ministério.